

Não Sofra mais: coragem para ousar um país mais capaz



José Reis e Gonçalo Quadros

Há momentos em que é preciso tomar decisões difíceis. Estamos certos de que o primeiro-ministro compreenderá isto bem

O título deste texto é o da exposição de Ragnar Kjartansson que esteve durante três meses, com êxito e significado notáveis, no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, em Coimbra. Foi um solo show no contexto da Bienal de Arte Contemporânea Anozero, que desde 2015 se realiza em Coimbra, tendo aquele local como epicentro. Descrever o que se passou pode fazer-se com números, e há muitos (15 mil visitantes, por exemplo), ou simplesmente com a emoção de ter visto uma cidade e um país a ousar qualificar-se e engrandecer-se de forma robusta e com futuro. O artista islandês, cuja obra é disputada pelos grandes museus do mundo, disse do mosteiro: “Este espaço é fascinante, inflama as minhas peças, é um dos grandes lugares artísticos na Europa.”

Nuno Grande e Delfim Sardo, com as suas competências indiscutíveis de arquiteto e de curador, já escreveram no PÚBLICO em termos esclarecedores e suficientemente sonoros sobre o que isto significa para Portugal e para Coimbra. Queremos secundá-los, porque o assunto é urgente e porque há decisões importantes a tomar. Pode acontecer que estejamos na véspera do desaparecimento do património aqui formado pela sabedoria com que se tem usado a arte contemporânea para qualificar uma cidade e um país. E pode acontecer que o próprio mosteiro, tal como foi aberto, sublinhamos, aberto e oferecido à cidade e ao país nos últimos anos, já não exista daqui a pouco tempo.

O mosteiro pode fechar-se para ser um hotel de cinco estrelas (um típico lugar de exclusão a que só se acede pelo preço), desfazendo um edifício de uma enorme nobreza, impressionante pelo que é, tal qual está. E desfazendo-o através de um investimento pesadíssimo (quanto?!), que nenhum privado fará com o seu dinheiro e para o qual pedirá fundos públicos. O mosteiro não está abandonado, nem em degradação, nem precisa de requalificação profunda, como acontece com edifícios que o Revive põe a concurso. Está vivo e ocupado. Sabido o que se sabe hoje sobre o que aqui tem acontecido, podemos dizer que não

conhecemos melhor exemplo de como um investimento leve pode ser, de longe, preferível a um investimento pesado. Isto parece certo sob todos os aspetos, incluindo o do desenvolvimento, numa perspetiva de longo prazo.

O mosteiro, com a bienal no centro, oferece uma notável e singular oportunidade de transformação de toda uma região pelas atividades a que a arte está associada: atividade económica qualificada, criação de competências não-banais, ligação com a educação e com o emprego em matérias como o digital, o design ou as indústrias criativas. Para tudo isto, começam a surgir ideias através de gente muito competente e já envolvida no projeto. É fácil imaginar como aquela acrópole em frente da outra acrópole mais conhecida, onde o espaço não-construído é também enorme e belíssimo, pode ser um *campus* rico, complexo, fértil. Um polo hipercriativo, formador de competências, motor de geração de riqueza e de uma Coimbra vibrante. Uma nova economia. Sólida e qualificável – a arte contemporânea e a criatividade como fundamento da fixação de recursos raros. Não um simples evento, passageiro, nem o movimento de pessoas pelas razões banais da mobilidade e do turismo.

Já não é pouco quando a cultura e a arte,



Coimbra enfrenta o desaparecimento de património formado pela sabedoria com que se tem usado a arte para qualificar cidade e país



solidamente enraizadas, proporcionam contextos estimulantes, de que o desenvolvimento precisa. É muito mais quando, elas próprias, geram capacidades e riqueza: a economia da criatividade no seu máximo fulgor. O TUMO Coimbra, o primeiro centro tecnológico e criativo do país para jovens entre os 12 e os 18 anos, ligado a um projeto já consolidado internacionalmente, é um espaço de onde emana a mesma energia intensa que a bienal irradia.

Coimbra mudou muito nos últimos anos, mesmo que isso ainda não se veja nas instituições ou na política. Mudou na economia (sendo disso exemplo o seu *cluster*, hoje muito denso, de indústrias do digital). Mudou na cultura e na ciência. Muda na inclusão e na capacitação dos jovens. Está a mudar na própria morfologia urbana. E, sobretudo, está a mudar no modo como se identifica como cidade e como se apresenta num país que precisa de escolher o que é difícil e tem capacidade multiplicadora, em vez do que é pobre e estéril.

É verdade que há momentos em que é preciso tomar decisões difíceis, dilemáticas até. Isso já aconteceu no país noutras alturas. Por exemplo (entenda-se a evocação na devida proporção), quando foi preciso conservar as gravuras do Côa e desenvolver um campo arqueológico, em vez de construir uma barragem. O assunto agora é outro, claro está. É o de ligar tudo o que aqui referimos à economia do século XXI e a uma região, um país, que não tem de se reduzir à sua condição periférica. Um país que pode e deve ousar. Estamos certos de que o primeiro-ministro, o ministro da Economia e o da Cultura, a quem também nos dirigimos, compreenderão isto muito bem.

É tempo de não sofrermos mais...

José Reis, professor da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; Gonçalo Quadros, co-fundador da Critical Software

Virtude sem pinhal

Fábrica de criadas



Afonso Cruz

O padre aproximou-se do Manuel Ulme, que não conhecia, e da irmã gorda, que segurava a pasta de documentos com a recolha das citações públicas do livro de fragmentos de São João de Chartres. O Manuel Ulme tirou-lhe a pasta das mãos.

— Obrigado, irmã, por me ter ajudado com a revisão dos textos. Senhor padre, o meu nome é Manuel Ulme, sou um dos sócios da editora que publicou esse livro admirável, de uma espiritualidade rara, da autoria de São João de Chartres.

O padre apresentou-se. Fez um sorriso forçado.

— Estamos a tratar da terceira edição — disse a irmã gorda.

— No pinhal? — perguntou o padre.

— Por mero acaso, quando vinha a chegar para falar com a irmã, vi que ela caminhava nesta direcção, e aqui estamos. De facto, este é um lugar bem melhor do que frieza da pedra do asilo para rever as gralhas de um livro com estas características, não desfazendo, mas a Natureza propicia uma tranquilidade e uma disposição bem mais espirituais do que um espaço mais austero. Nem sei por que nunca me lembrei de fazer piqueniques em vez de reuniões em escritórios sem carisma.

— É que a edição, senhor Ulme, não necessita de espiritualidade. É um negócio.

— Bom, mas quando se trata deste livro, a coisa pia fininho, uma pessoa lê isto, permita-me que lhe leia um excerto que tenho aqui na pasta, e deixa de sentir o chão, a matéria, a terra, escute e diga-me se não tenho razão: “Para crescer com maior liberdade espiritual, as pessoas devem romper com a escravidão das necessidades corporais, têm de deixar de ser escravos do corpo. Devem, portanto e acima de tudo, ter tempo à sua disposição para a actividade espiritual criativa e para o gozo espiritual.”

— É belo e profundo, senhor Ulme, e é por esse mesmo motivo que não precisa de pinhal nenhum, é precisamente aquilo que não tem espiritualidade ou virtude que precisa de ser embelezado, é a actividade ilícita ou pecaminosa que precisa de moldura. A virtude não precisa de nada. Cara irmã, acompanha-me ao asilo? Preciso de ter uma conversa consigo.



Não perca o podcast com os textos lidos pelo autor. Ao fim-de-semana, um exclusivo para assinantes Em publico.pt/podcasts